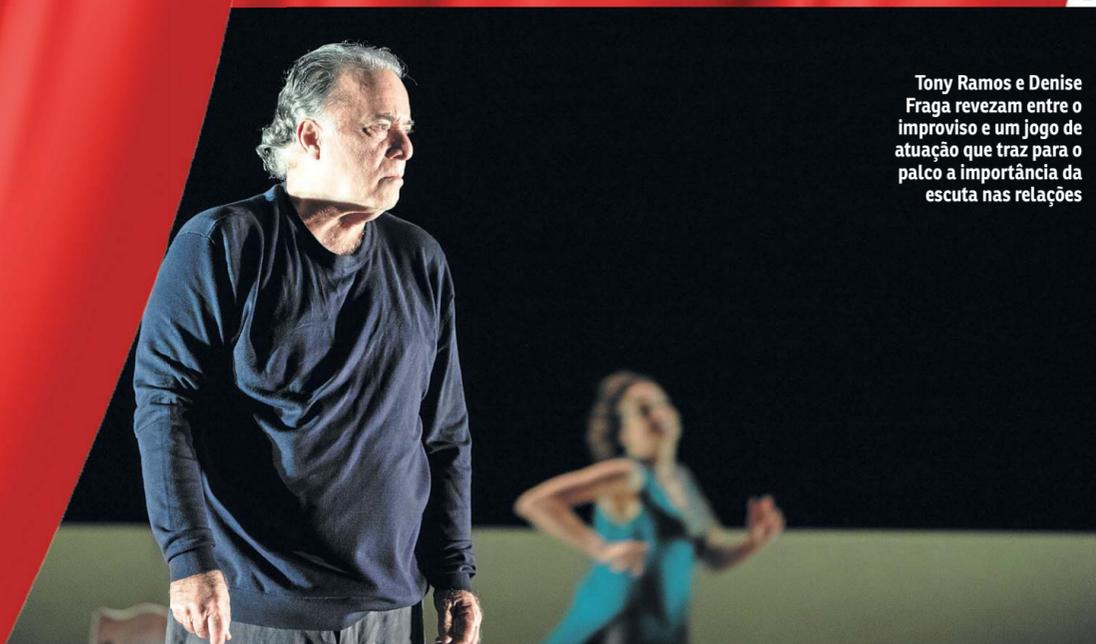


Diversão & Arte

PARC DA ESCUTA

TONY RAMOS E DENISE FRAGA TRAZEM A BRASÍLIA A PEÇA O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS, UMA REFLEXÃO SOBRE O DIÁLOGO E A



Tony Ramos e Denise Fraga revezam entre o improviso e um jogo de atuação que traz para o palco a importância da escuta nas relações

» NAHIMA MACIEL

Jogar a ficção na plateia e a realidade na ficção é uma estratégia que Denise Fraga e Tony Ramos utilizam com habilidade em *O que só sabemos juntos*, em cartaz a partir de hoje no Teatro Planalto, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. É, também, um jogo a meio caminho entre o improviso e o roteiro pré-estabelecido, ou o que Denise chama de “uma nova maneira de fazer teatro”. “A gente faz essa montanha-russa do que é verdade e o que é mentira, o que é história minha, o que é dos outros, mas que também são histórias reais e, de alguma maneira, você conta a história de todos nós. A gente vai vendo que só muda o endereço, as histórias, no fundo, são bem parecidas”, explica a atriz, que vem do sucesso e da experiência da peça *Eu de você*, em cartaz há mais de seis anos.

Para Denise, *O que só sabemos juntos* é uma celebração, mas também um exercício da percepção de que a humanidade está toda junta, no mesmo barco, com angústias, expectativas e medos parecidos. “Embora todos continuem agindo como se o problema fosse só seu”, lamenta a atriz. “O teatro é, talvez, o lugar onde a gente consiga mais o consolo da fraternidade não é à toa que os artistas compartilham experiências terríveis através da arte e universalizam essas experiências.”

Foi mais ou menos essa percepção que deixou Tony Ramos colado na cadeira do teatro quando terminou de assistir ao monólogo *Eu de você*, na estreia de Denise em 2019, em São Paulo. Tony e a mulher, Lidiane, saíram do Rio de Janeiro para a capital paulista especialmente para conferir o trabalho da amiga, que é dirigida no palco pelo companheiro, Luiz Villaça. “Eu sabia do espírito criativo dos dois e, principalmente, da preocupação de reflexões em cada espetáculo. Quando acabou, pensei ‘que espetáculo absolutamente diferente’. Uma coisa mágica e real. Como a dramaturgia é criativa e pode ser absolutamente inesperada!”, conta Tony, que



logo convidou o casal para jantar e, depois de algum rodeio, pediu que o considerassem para um projeto futuro.

Tony disse a Denise que tinha ficado perturbado com *Eu de você*. “Mas uma boa perturbação, um bom incômodo, aquele que a arte provoca”, explica o ator. “Essa boa perturbação, esse lugar do teatro que faz você sair com vontade e ter criatividade com a própria vida, não precisa do final feliz, mas precisa da vontade de viver”, completa Denise, que nunca esqueceu o impacto da palavra proferida pelo amigo. Foram necessários seis anos para levar a “boa perturbação” para o palco em uma parceria inspirada em *Eu de você*, mas com um novo viés.

No palco, um casal reflete sobre suas trajetórias e sobre a vida em comum. Ele é um executivo desempregado, ela é uma profissional muito ativa. “Mas isso não é dito, é imaginado”, avisa Tony. “É uma ficção na qual se discute o cotidiano de um casal. Eles estão sempre tentando se encontrar. E tem um abraço, ou a tentativa de um abraço, que quer mostrar ao público que falta, talvez, empatia, escuta. Uma coisa é você ouvir e outra, ouvir escutando.”

Denise conta que o processo de criação da dramaturgia foi bastante livre e conjunto. “A gente foi para a sala de ensaios com alguns textos inspiradores e temas que a gente queria falar. Tem uma discussão de um casal que percorre a peça em vários tempos e, através disso, a gente fala de muita coisa. São as relações que estão sem escuta. E o mais legal é que fazemos isso com o velho

e bom humor. O humor é uma coisa revolucionária, é um ingrediente muito poderoso para comunicação”, acredita a atriz.

O que só sabemos juntos, no entanto, não começa exatamente no palco, mas no movimento dos atores enquanto recebem o público. A dupla quis levar para o espetáculo a mesma dinâmica experimentada por Denise em *Eu de você* ao propor uma interação delicada e sutil com o público. No início, portanto, os dois conversam com pessoas da plateia, fazem perguntas e reagem às respostas numa tentativa de valorizar a questão central da peça, que é a escuta. “Por isso o nome *O que só sabemos juntos*. Só sabemos juntos o que a gente ouve, escuta, fala e reflete. É raciocinar juntos. Falta escuta nos tempos de hoje”, repara Tony, que precisou interromper as primeiras apresentações da peça em maio, após ser diagnosticado com um hematoma subdural. “As pessoas confundem com AVC, mas não tem nada a ver, e tinha que ser contido”, conta o ator, que passou por duas cirurgias em 48 horas e, dois meses depois, estava de volta ao set de *A lista* para finalizar o filme com Lília Cabral e ao palco, com Denise Fraga.

A atriz levou um susto enorme com a hospitalização repentina do parceiro de palco. “O Tony é amado no Brasil inteiro e nos deixou muito apreensivos. Tê-lo de volta para falar o que ele fala na peça... Eu pensava ‘meu Deus, olha o que a gente vai falar depois de tudo que aconteceu’”, lembra a atriz. “A peça dá essa vontade de viver, essa percepção de que a existência é algo maior e que estar nesse jogo da vida ainda tem muito fascínio. E a arte é campeã em demonstrar o fascínio da existência”.

O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS

Com Denise Fraga e Tony Ramos. Hoje, amanhã e sábado, às 17h e às 20h, no Teatro Planalto (Centro de Convenções Ulysses Guimarães — SDC — Eixo Monumental). Ingressos: a partir de R\$ 20 (meia) e R\$ 40. Não recomendada para menores de 12 anos

